



v. 11, n. 1 – 2022 – ISSN 2316-395X – DOSSIÊ

Oswaldo Rodrigues Cabral: memórias de formação e educação em Santa Catarina (décadas de 1920 a 1970)

Oswaldo Rodrigues Cabral: formation memories and education in Santa Catarina (1920s to 1970s)

Oswaldo Rodrigues Cabral: memorias de formación y educación en Santa Catarina (décadas de 1920 a 1970)

Marcelo Sabino Martins¹
Maria Teresa Santos Cunha²

Recebido em: 21/3/2022
Aceito para publicação em: 29/3/2022

¹ Professor de História do Instituto Federal de Brasília (IFB). Doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

² Professora titular do Programa de Pós-Graduação em História e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Doutora em Educação/História e Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq / Nível 1-D.

Resumo: Este artigo pretende apresentar aspectos da atuação de Oswaldo Rodrigues Cabral – médico, escritor, historiador – durante o período compreendido entre as décadas de 1920 e 1970, em Santa Catarina, tendo como base suas escritas autobiográficas. Salientam-se aspectos de sua formação registrados em documentos pessoais que apontam sua inserção como participante de uma comunidade intelectual. Tal abordagem contempla também as dimensões e possibilidades do estudo da trajetória de vida desse personagem por meio de suas memórias, o que permite reconfigurações de passados.

Palavras-chave: Oswaldo Rodrigues Cabral; memórias; educação e escritas de si.

Abstract: This article intended to present aspects of Oswaldo Rodrigues Cabral's performance – doctor, writer, historian – during the period between the 1920s and 1970s, in Santa Catarina, Brazil, based on autobiographical writings. Aspects of his formation are highlighted through consultation in personal documents that indicate his insertion in an intellectual community. This approach also contemplates the dimensions and possibilities of the study of the life trajectory of this character, through his memories, which allows reconfigurations of the past.

Keywords: Oswaldo Rodrigues Cabral; memories; education; self-writing.

Resumen: Este artículo pretendió presentar aspectos del trabajo de Oswaldo Rodrigues Cabral – médico, escritor, historiador – durante el período comprendido entre las décadas de 1920 y 1970, en Santa Catarina, Brasil, en lo que se refiere a sus escritos autobiográficos. Se destacan aspectos de su formación por medio de la consulta de documentos personales que apuntan a su inserción en una comunidad intelectual. Tal abordaje también contempla las dimensiones y posibilidades de estudiar la trayectoria de vida de ese personaje, mediante sus memorias, lo que permite reconfiguraciones de pasados.

Palabras clave: Oswaldo Rodrigues Cabral; Memorias; Educación y escritos de si.

INTRODUÇÃO

Corifeu: Indivíduo que ocupa o primeiro lugar ou que se destaca dos demais em uma arte, profissão, categoria etc. Aquele que, na mitologia grega, chefia o coro (FERREIRA, 1986, p. 479).

Em entrevista à *Revista de Ciências Humanas* (GUERRA, 2008), Carlos Humberto Pederneiras Correa, historiador, professor e amigo conterrâneo de Oswaldo Rodrigues Cabral, referiu-se a ele como um *corifeu da Ciência* em Santa Catarina. A menção à sua figura funciona como indiciária do valor a ela atribuído por seu confrade e sugere a inserção desse personagem – médico, professor, escritor, antropólogo e historiador – catarinense no meio educacional, científico e historiográfico de Santa Catarina, durante o período compreendido entre as décadas de 1920 e 1970. Este artigo pretende apresentar aspectos de sua formação, tendo-se como base a consulta em escritos autobiográficos. Considera-se sua inserção ante um grupo de pesquisadores, professores, escritores o qual se pode classificar como uma comunidade de *mediadores intelectuais* (GOMES; HANSEN, 2016, p. 92), termo que pode ser sintetizado da seguinte forma: são aqueles ou aquelas que “atuam em conexão com outros autores sociais e organizações intelectuais ou não, tendo intenções e projetos no entrelaçamento entre o cultural e o político”.

Oswaldo Rodrigues Cabral nasceu na cidade de Laguna³, no dia 11 de outubro de 1903, filho de Ary Natividade Cabral e de Luiza Rodrigues Cabral. Ao que tudo indica, ambos teriam ascendência portuguesa, mais precisamente da região do arquipélago dos Açores⁴, razão que fez, talvez, com que Cabral tenha se dedicado a escrever e inscrever páginas sobre a presença lusitana no litoral de Santa Catarina.

Foi casado com a senhora Olívia Ramalho Cabral, com quem viveu durante 48 anos, não teve filhos. Faleceu em Florianópolis, estado de Santa Catarina, no dia 17 de fevereiro de 1978, aos 74 anos de idade, vítima de um infarto. Seu falecimento foi noticiado num dos principais jornais impressos de Santa Catarina, o jornal *O Estado*, no dia posterior à sua morte. O veículo de comunicação impresso dedicou espaço com destaque em chamada na sua capa, o que pode ser percebido como um sinal do prestígio que o professor, médico e historiador possuía no cenário social e intelectual da cidade de Florianópolis e do estado de Santa Catarina.

Formado em Medicina e Antropologia, até sua morte publicou 77 obras versando sobre Medicina, Antropologia, Folclore, História e Ficção. Suas obras mais importantes são o Ensino da higiene nas escolas públicas de Santa Catarina (a primeira de 1929). A Medicina teológica e as benzeduras, o Segredo médico em face da lei penal e da deontologia, Aspectos sociais, jurídicos, médicos e médico-legais do problema da idade, Santa Catarina, Laguna e outros ensaios. Os jesuítas em Santa Catarina e o ensino das humanidades na província, Laguna - Rio Grande, João Maria, Contribuição ao estudo dos folguedos populares de Santa Catarina e Cultura e Folclore (*O ESTADO*, 18 fev. 1978).

A matéria do periódico ainda destaca as muitas funções exercidas pelo professor Cabral ao longo de sua vida. Exerceu cargos públicos na direção de hospitais, entidades de assistência e no serviço de higiene do estado entre as décadas de 1930 e 1940, além de médico, escritor e professor. Sua passagem pela vida política foi como deputado estadual (de 1947 a 1954), pelo UDN (Partido Democrático Nacional, fundado em 1945, de orientações conservadoras, que à época fazia oposição a Getúlio Vargas).

Merece registro, ainda, a atuação de Oswaldo Cabral na unificação das várias faculdades que integraram, a partir de fins de 1960 e início de 1961, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde exerceu o magistério e contribuiu na criação do então Museu de Antropologia.

Para a consecução do presente artigo, além de pesquisa bibliográfica e documental, em arquivos públicos e pessoais, foi realizada a consulta a um livro de memórias organizado, em 1993, por sua sobrinha, a professora Sara Regina Silveira de Souza, que é detentora de vasto material documental que compõe seu arquivo pessoal e que foi deixado a seus cuidados. Considera-se o valor desse material para a pesquisa, pois que ele contém narrativas memoriais de Cabral e em que pese conter, igualmente, lembranças afetivas da própria autora que os reuniu. É um material importante à análise historiográfica, uma vez que tais registros remetem ao que Paul Ricoeur (2007, p. 131) denomina de “apoios externos”, considerando que a autora, ao reuni-los, (re)produziu tais memórias e esse movimento “ocupa um lugar privilegiado de [produção de] deslocamentos de pontos de vista da memória”.

³ Município ao sul do estado de Santa Catarina. O lugar ficou conhecido em razão do Tratado de Tordesilhas (1494), por ser o limite, ao sul, entre terras de Espanha (a oeste) e as terras que pertenceriam a Portugal (situadas a leste).

⁴ O estado de Santa Catarina recebeu aporte de cerca de 6.000 casais açorianos que teriam ocupado, em grande medida, o litoral do estado entre 1748 e 1756, na região compreendida entre os atuais municípios de Itajaí e Laguna (PIAZZA, 1987).

FORMAÇÃO: ESBOÇOS DE UMA AUTOBIOGRAFIA

Oswaldo Rodrigues Cabral iniciou seus estudos de instrução primária em Porto Alegre, em 1910; logo em seguida a família mudou-se para Florianópolis, período em que o então garoto passou a estudar no Grupo Escolar Lauro Müller⁵, escola pública que até o ano de 1940 era considerada destino, quase que exclusivo, dos filhos da elite econômica e política catarinense.

Com 10 anos de idade ingressou no Ginásio Catarinense (1914)⁶, instituição de ensino particular que, no início do século XX, foi colocada sob a direção e controle de jesuítas alemães pelas autoridades que estavam à frente da educação em Santa Catarina. Desse período o próprio Cabral não guardou boas lembranças, como ele mesmo deixou registrado em escritos reunidos sob o título *Oswaldo Rodrigues Cabral: páginas de um livro de memórias*, material que apresenta visíveis pretensões do que se pode chamar de uma escrita de si, com aparente intenção de ser futuramente publicado.

Por esse tempo (1914), entrei para o Ginásio, vasto casarão na Praia de Fora. A página mais triste da minha vida foi escrita nessa casa. Nunca sofri tanto, nem mesmo quando, anos depois, vim a conhecer a necessidade de apertar a cinta à hora em que os outros jantavam...

Fui semi-interno. Só ia à casa para dormir. Para dormir e lamentar... Iniciava as aulas pela manhã o Padre Beck, com aritmética. Era um alemão franzino, pálido e mau: quando eu não entendia a lição, castigava-me – punha-me atrás da pedra. Depois punha-me para fora da classe. Acabou proibindo a minha entrada na mesma... nunca mais tive um professor de argumentos tão claros... Dias havia em que eu passava a hora das aulas escondido num fosso de escoamento de águas pluviais ou dentro de uma caixa de cimento que estava sempre vazia; quando não nas latrinas, escondido do Rick [outro padre professor], o Prefeito Geral, que era uma fera... Comia-se mal, sob os olhos do Rick, pronto sempre para abafar qualquer reclamação. Qualquer murmúrio suspeito e ficava-se privado da sobremesa: duas bananas ou um copo cheio de jabuticabas (CABRAL *in* SOUZA, 1993, p. 20-21).

Cabral não se adaptou muito bem ao sistema escolar dos jesuítas do Ginásio Catarinense. A forma rigorosa de educação dos jesuítas não lhe caiu muito bem, uma vez que o garoto Oswaldo possuía um ímpeto de “gênio alegre de menino despreocupado”, características que não agradavam aos padres:

E logo vieram os castigos. Meu gênio alegre de menino despreocupado, como todos os de minha idade, era o que chamavam de incorrigível. E perdi os recreios. Perdi as sobremesas, as aulas e as folgas, ocupado com os castigos. E não tive mais descanso. E fui mal, fui perverso, fui hipócrita,

⁵ Construída já na República, em 1912, no governo de Vidal Ramos (1910-1914), a escola recebeu nome do primeiro governador catarinense, o tenente Lauro Severiano Müller (1863-1926).

⁶ Sobre o Ginásio Catarinense, atual Colégio Catarinense, ver Dallabrida (2001). O autor escreve que foi o Ginásio Catarinense um dos responsáveis pela formação de grande parte dos filhos da elite catarinense. Também apresenta considerações acerca dos cursos superiores mais frequentados pelos egressos do Ginásio Catarinense: “Depois de Direito, os cursos superiores mais procurados eram os de Medicina e de Engenharia. [...] estes três cursos superiores eram aqueles que conferiam mais ‘status’ e distinção social, sendo frequentados, com raras exceções, pelos filhos das famílias mais abastadas. O número de alunos de ascendência luso-brasileira, italiana e germânica que fazia o curso de medicina era geralmente equilibrado, com destaque para o primeiro grupo étnico” (DALLABRIDA, 2001, p. 246).

fui mentiroso... Se guardo alguma coisa destas qualidades, devo aos meus ilustres educadores: os padres (CABRAL *in* SOUZA, 1993, p. 21).

Cabral foi expulso do Ginásio Catarinense antes de concluir os seus estudos secundaristas. Os motivos da expulsão podem ser percebidos na observação, ao final do boletim, subscrito pelo diretor do educandário à época: “falta de docilidade e o nenhum aproveitamento do aluno obrigam-me a excluir o aluno deste educandário”. Cabral sempre ficava no último lugar da classificação geral dos alunos de sua turma (GUERRA, 2008, p. 14). Diante da expulsão do Ginásio Catarinense, o pai do *garoto extrovertido e inquieto* cogitou matriculá-lo na Escola de Aprendizes de Marinheiros, situada no bairro do Estreito (parte continental da capital do estado de Santa Catarina). Contudo, após ponderações da mãe, desistiu do intento.

O garoto foi, então, matriculado na Escola Normal Catarinense, concluindo sua formação em 1919. O que fez com que, aos 16 anos, já fosse um professor normalista, atividade pouco comum a um rapaz, naquele período, uma vez que a educação infantil, nos primeiros anos escolares, era tida, ou considerada, como “naturalmente” uma atividade feminina, quase sempre ligada à maternidade, tal como defendiam educadores como Pestalozzi e Froebel (ARCE, 2002). Com a formação adquirida na Escola Normal, Oswaldo Cabral passou a lecionar em escolas primárias nos municípios de Joinville e São Francisco do Sul.

A exemplo das reformas educacionais que ocorriam, principalmente no estado de São Paulo, Santa Catarina passou a implementar consideráveis mudanças em suas políticas educacionais, por vezes taxadas como atrasadas por políticos e gestores da educação no estado. Nas primeiras décadas do século XX, entre 1911 e 1919, a Escola Normal Catarinense sofreu reformas implantadas por Orestes Guimarães, um dos principais responsáveis pela reestruturação e reformas educacionais em São Paulo. Orestes teria vindo a Santa Catarina, convidado pelo então governador catarinense Vidal Ramos (Vidal José de Oliveira Ramos, 1866-1954), com o objetivo de implementar em terras catarinenses as mesmas reformas educacionais por que passava São Paulo (TEIVE, 2008).

Um intenso processo de *cientificização* vai marcar as reformas no campo pedagógico brasileiro, durante principalmente as duas décadas iniciais do século XX. Tal processo renderia debates teóricos sobre quais os fundamentos científicos seriam necessários para a formação de professores (DANIEL, 2005).

Novas concepções sobre a formação de professores, e o seu forte caráter científico, bases do movimento conhecido como Escola Nova, promoveriam outras tantas reformas, sobretudo até meados de 1940 (DALLABRIDA, 2012; DANIEL, 2005). Nesse sentido, vale destacar o papel desempenhado pelo saber médico científico e pelas ideias de higiene e sanitarismo na educação. Nessa seara, parece incontestável a importância do médico e professor Oswaldo Cabral para a divulgação e defesa dessas ideias na formação educacional da população catarinense e brasileira, por extensão.

Além do trabalho como educador, ele acalentava, segundo suas memórias escritas em 1954, o desejo de ser médico, tal como se pode inferir do depoimento, escrito por Cabral, sobre o momento em que *nasceu* seu interesse pela medicina:

Um dia, ao chegar em casa, encontrei-a tomada de vizinhas. Meu pai fora chamado do emprego às pressas e até a porta da rua chegavam-me os gemidos de minha mãe doente. Quis entrar, mas recebi a ordem de ir tomar um carro à Praça e buscar o médico da família com urgência. [...] O médico, homem feio, educado, fidalgo no trato e capaz na profissão, ouviu-se o recado, tomou da maleta e fez com que me sentasse a seu lado – e abalamos para nossa casa. Puxou conversa, perguntou com quantos anos

já estava, quis saber das minhas aspirações – que por sinal eram nenhuma naquela época – que é que eu desejava ser e assim foi matando o tempo, enquanto rodávamos, vagarosos, para o Largo Fagundes.

Quando chegamos, perdi-o de vista.

Enquanto ele entrava para o quarto de minha mãe enferma, a ouvir as explicações que meu pai ia fornecendo, fui mandado sumariamente para fora a fim de não bisbilhotar.

Depois, chamaram-me para que fosse buscar os remédios à Farmácia do Cristóvão, na Praça, enquanto ele regressava para sua casa, no carro do Seu Nico.

Quando pude chegar ao leito de minha mãe, já confortada pelas palavras amigas do médico bondoso e aliviada pela eficiência do medicamento, [...] ela passou a mão pela minha cabeleira despenteada e, sorrindo, me aconselhou:

Tu precisas estudar para médico, para tratar sempre da sua mãe.

Naquele momento selava-se o meu destino. Eu deveria ser médico...

(O ESTADO, 31 dez. 1954. Grifos nossos).

Em 1923 o jovem Oswaldo iniciou seus estudos na Escola de Farmácia, na cidade de Curitiba, e logo solicitou a transferência para a Faculdade de Medicina do Paraná⁷, uma prática bastante comum naquele tempo e provavelmente uma forma de realização de seus anseios de ser médico, acalentados desde o momento em que sua mãe adoecera, conforme o trecho anteriormente transcrito.

Enquanto era estudante de Medicina, em Curitiba, trabalhou na redação do jornal *O Dia*. Escrevia matérias corriqueiras sobre costumes, contos e casos, além de crítica literária sem qualquer relação com saúde. Contudo tal exercício de escrita se pode considerar um ensaio para futuras ações nessa seara.

Sua participação como jornalista no jornal *O Dia* rendeu-lhe uma menção elogiosa, publicada no jornal catarinense *A Notícia*, de Joinville, em 22 de dezembro de 1926: “Oswaldo Cabral não é somente o estudioso acadêmico; é também no jornalismo, o magnífico cronista literário que entusiasmo e arrebatava. A beleza do seu estilo envolve e adorna a imagem em fulgurações cristalizadas” (*A NOTÍCIA*, 22 dez. 1926).

Enquanto ainda estava na Faculdade de Medicina em Curitiba, dividiu estudos com futuros nomes da medicina e da vida intelectual do Paraná, tais como Loureiro Fernandes, Milton Carneiro, Alô Guimarães, Oswaldo e Walfrido Piloto, Júlio Moreira, Jurandir Manfredini, César Pernetá, Haroldo Beltrão, Homero Braga, Lisandro dos Santos Lima, Domício Costa e D’Alô Júnior (SOUZA, 1993).

Desse período, por meio de seu arquivo pessoal, foi possível ter acesso a um caderno, de letra caprichosa, de escrita miúda, com desenhos esquemáticos e bem feitos, os quais podem denotar um estudioso dedicado e zeloso, diferentemente do que fora o Oswaldo Cabral, garoto, do período em que esteve no Ginásio Catarinense, sob a vigilância dos jesuítas.

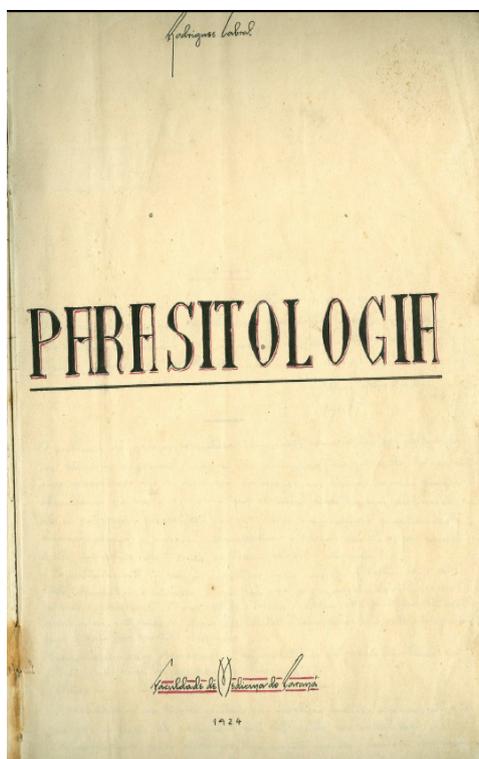
A figura 1 consiste na contracapa desse caderno, que possui 44 páginas, todo ele manuscrito e datado do período em que Cabral estudou Medicina na Faculdade do Paraná, durante o ano de 1924.

No caderno o aspirante a médico e futuro “corifeu” da ciência catarinense fez apontamentos sobre a disciplina de Parasitologia. São palavras e desenhos em que teve a

⁷ O funcionamento da instituição, que veio a se tornar a Universidade Federal do Paraná (UFPR), data do ano de 1913, funcionando, nesse período, como uma instituição particular. Os primeiros cursos ofertados foram Ciências Jurídicas e Sociais; Engenharia; Medicina e Cirurgia; Comércio; Odontologia; Farmácia e Obstetrícia. Sua federalização ocorreu em 1950, quando passou a chamar-se Universidade Federal do Paraná, uma instituição pública e gratuita (UFPR, 2022).

Ciência como inspiração de sua escrita, ocasião em que surgem, por suposto, os temas da educação para a profilaxia, para a higiene e saúde em sua vida.

Figura 1 – Contracapa de caderno de Oswaldo Rodrigues Cabral (1924)



Fonte: Acervo do Museu da Escola Catarinense/Udesc

O caderno, objeto de seu arquivo pessoal, pode ser uma significativa fonte para pensar a história da escrita, além de permitir pesquisas sobre uma história do ensino superior no Brasil, principalmente sobre os conteúdos e metodologias ministrados nos cursos de Medicina durante a década de 1920. Campo este que guarda ainda vários aspectos a serem investigados, sobretudo no que diz respeito às instituições de ensino superior do sul do país.

O caderno possui títulos caprichosamente desenhados, como se pode observar na imagem da capa (figura 1). Todo ele escrito com letra esmerada, denotando outra dimensão do estudo, da escrita e do próprio tempo a ele despendido, pois que havia que dispensar um relativo intervalo temporal para a escrita a bico de pena. O que pode apontar para outras práticas de ensino e de aprendizagem, além de outros possíveis temas relacionados à História da Educação e da História da Escrita, por exemplo.

O conteúdo do caderno, voltado essencialmente para doenças e suas etiologias, coaduna com a vocação atribuída aos médicos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, mais preocupados em combater as doenças do que tratar os doentes, como era o caso dos profissionais médicos baianos (SCHWARCZ, 1993).

O tema da profilaxia e da higiene na prevenção às doenças decorrentes de parasitoses, ao que tudo indica, viria a se tornar um dos pontos mais defendidos por Oswaldo Cabral. Tanto que ele foi enfático na defesa da implantação da disciplina Educação e Higiene nas escolas primárias do país, quando da apresentação e escrita de sua “tese” ao se formar médico, em 1929. Acreditava, como pode indicar sua escrita, que desse modo seria possível evitar os contágios por parasitas e, conseqüentemente, mortes e doenças que afastavam o povo brasileiro do “tão e imprescindível trabalho de construção da nação, em flagrante consonância com o lema do trabalho como fator de dignificação do homem”, além das

relações estreitas entre trabalho e educação, como apontam os estudos de Demerval Saviani (1994).

Os documentos consultados evidenciam que Cabral apostou e investiu no tema da educação como um veículo de implantação de hábitos de higiene entre a população catarinense e brasileira, acreditando, conforme transparece de sua escrita engajada, que hábitos saudáveis de higiene e saúde deveriam ser ensinados desde cedo, pois, educando as crianças nas boas práticas de higiene, estas serviriam como vetores reeducando seus pais para as boas práticas de asseio corporal e sanidade.

Em 1927 Cabral transferiu o curso de Medicina da Faculdade do Paraná para o Rio de Janeiro. Não foi possível descobrir as razões da mudança, supõe-se ter sido em razão de a Faculdade do Brasil, no Rio de Janeiro, gozar, de certa forma, de maior prestígio e lá estarem os melhores e mais aclamados mestres cientistas e médicos do Brasil. Ou simplesmente o fato de que, na então capital federal, poderia Cabral contar com parentes que lhe acolheriam com moradia, o que seria um custo a menos para a sua formação.

Também no Rio de Janeiro os médicos e professores da Faculdade do Brasil dedicavam-se em reafirmar uma “originalidade e identidade na descoberta de doenças tropicais como a febre amarela e o mal de Chagas”, por exemplo, os quais, acreditavam, serem males superados por programas “higienicos” (SCHWARCZ, 1993, p. 248). Talvez o catarinense Oswaldo Cabral, ciente dessa vocação da medicina ensinada no Rio de Janeiro, optasse por transferir seu curso para lá de modo a poder pesquisar sobre as doenças.

Os médicos cariocas estavam mais preocupados com descobertas científicas sobre doenças, diferentemente de outra escola de Medicina importante do período das primeiras décadas do século XX, a da Bahia e seus profissionais da Medicina, os quais estavam mais voltados para a questão do tratamento da doença em si, “a população doente que estava em questão” e não a doença e seus agentes (SCHWARCZ, 1993, p. 249). Aqui é possível perceber duas escolas de Medicina, por assim dizer, diferentes, a do Rio de Janeiro, mais relacionada com pesquisas científicas, ou seja, o médico como cientista, e a da Bahia, cuja vertente estava mais direcionada à cura do doente, ou seja, o médico terapêutico.

Pode-se pensar que sua transferência para o Rio de Janeiro, em busca de ensinamentos médicos diretamente onde eles aconteciam, fosse o motivo que o levou à capital federal do país; Cabral, assim como os profissionais médicos cientistas do Rio de Janeiro, parecia estar mais propenso em realizar descobertas científicas sobre as etiologias das doenças. Na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, foram professores de Cabral importantes nomes da Medicina e da ciência no Brasil, tais como Augusto Paulino, Benjamin Batista, Eduardo Rabelo, Agenor Porto, Leitão da Cunha, Abreu Filho, Tanner de Abreu, Miguel Couto, Rocha Vaz, Leonel Gonzaga, Ansier Bentes, Carlos Chagas.

As transformações, o agito, o alvoroço e burburinho, os ares da modernidade durante os anos finais da *belle époque* da cidade do Rio de Janeiro (NEEDEL, 1993), comparando-a com a provinciana Florianópolis do início do século XX; as aulas dos mestres ilustres, a faculdade de Medicina no Rio, os estágios nos hospitais e o furor dos ensinamentos médicos científicos e higienista não fizeram com que o estudante de medicina Oswaldo Cabral se esquecesse de sua terra natal e de sua noiva deixada em Curitiba. No ano de 1928, na fase final do curso de Medicina, no Rio, no período dos exames finais, Cabral escreveu para sua noiva, Olívia:

Olívia: Minha boa e querida noivinha – beijo-te,

Felizmente tudo terminará!

Que prazer em se concluir tudo, em se sentir livre de tudo? Ontem, domingo, não te quis escrever porque hoje cedo entrava em últimos exames deste ano e queria já dar-te o resultado. A 22 fiz os primeiros: terapêutica e arte de formular e medicina operatória. Não calculas como fiquei satisfeito! Obtive distinção nas duas cadeiras. Creio que devo às tuas, às minhas e

às orações da Lulu [D. Luiza, mãe de Cabral], a Santa Terezinha, o sucesso destes meus exames. Hoje entre cedo em Clínica Cirúrgica e – mercê de Deus, novamente obtive distinção.

Assim passo eu para o 6º ano do curso – e último – com a mais alta nota. Para ti esta notícia de minha aprovação deve ser particularmente grata, pois é aís um ano vencido; um de menos no tempo que há muito nós dois viemos contando todos os dias (CABRAL, missiva ativa, 1928, acervo pessoal de Oswaldo Cabral, in SOUZA, 1993, p. 42).

A vida de Cabral no Rio de Janeiro parece não ter sido fácil, durante os anos em que lá permaneceu, de 1927 a 1929, ao menos é essa a impressão que ele deixou registrada em seus escritos memorialísticos. Trabalhou como auxiliar acadêmico na extinta Inspeção dos Serviços de Profilaxia do Rio de Janeiro. Estagiou na 18.ª Enfermaria da Santa Casa, com o professor Augusto Paulino. Foi interno da Pró-Mater, com os médicos Fernando Magalhães, Clóvis Corrêa da Costa e Arno Arnt. Também foi estagiário na 10.ª Enfermaria do Hospital de São Francisco de Assis, no Mangue, sob a responsabilidade dos doutores Fernando Vaz e Eugênio Decourt. No Hospital de Pronto Socorro, da Praça da República, estagiou com Alberto Farani e Paulo Barata. Trabalhou ainda na Assistência do Meyer. Durante as férias de início de ano realizava diversos cursos, não se permitia descansar, ou não podia. Concluiu o curso de Medicina em 1929, defendendo a tese intitulada *Problemas educacionaes de hygiene* (CABRAL, 1929).

Em sua tese de conclusão de curso Cabral empenha-se para defender a inclusão do ensino de higiene na educação, já nos anos iniciais, de modo a formar bons cidadãos patriotas e zelosos pela saúde coletiva, evitando que as doenças tenham ocasião de lhes acometer:

Ensinar a hygiene no Brasil é ao mesmo tempo servir a educação cívica, por isso que, si esta visa preparar o cidadão cômico dos seus deveres para com a pátria, respeitando as suas leis, trabalhando pelo seu engrandecimento, defendendo-a nos momentos de necessidade, aquelle tende a conduzir este mesmo cidadão a um estado de capacidade de perfeição physica, sem o que o patriota não contribuirá efficazmente dentro de um tal programma (CABRAL, 1929, p. 33).

Percebe-se aqui um engajamento com a causa da educação pública, dos problemas da saúde da população, insistindo na educação de novos hábitos e costumes de higiene já nos anos iniciais, de modo a prevenir as doenças por meio de um ensino mais voltado à etiologia da cura, cuja ciência seguia os moldes europeus. Assim, a higiene repousaria como grande redentora e promotora de prevenção às doenças e do processo de civilização das diferentes nações mundo afora. Estudos mostram que a questão da higiene, como disciplina na Escola Normal em Santa Catarina, era recorrente desde a década de 1910: ela consta como disciplina obrigatória no currículo de 1913, como atribuição da História Natural (CARDOSO, 2002), e pode-se considerar que sua prática seria mais bem executada por um médico, por exemplo. Assim, parece correto supor que pressupostos defendidos por Cabral sobre o valor da higiene para a educação expliquem sua atuação na Divisão de Higiene do Estado de Santa Catarina nas décadas de 1930/1940, cuja nomeação parecer ter atendido a tais especificidades.

Esse engajamento de intelectuais na vida pública no Brasil, com a presença na educação, na saúde e certo aparelhamento com o estado na promoção de políticas públicas, tornou-se mais intenso a partir do governo de Getúlio Vargas, de 1930 a 1945 (MICELI, 1979; PÉCAUT, 1990; MARTINS, 1987; BRANDÃO, 1999).

Cabral recebeu seu título de médico às vésperas da Revolução de 30, pelas mãos do então Presidente da República, Washington Luiz (1869-1957), cuja administração se deu

entre os anos de 1926 e 1930. Por certo uma deferência, embora pudesse ser uma prática comum à época, dada a proximidade entre o poder executivo e a instância de ensino superior, ambos localizados na então capital federal: a cidade do Rio de Janeiro. Ou, ainda, uma forma de auferir dividendos políticos por parte do presidente, em vias de encerrar seu mandato.

De volta à tese defendida por Cabral, por ocasião da obtenção do título de médico, vale o registro de que ela foi aprovada com distinção por todos os membros da banca, exceto pelo voto do professor João de Barros Barreto (1890-1956). O que pode apontar uma consonância de pensamento acerca da importância que a higiene tinha no meio acadêmico daquele período e contexto social.

A formatura e a defesa da tese mereceram nota na imprensa escrita catarinense, num sinal de relação de deferência para com Oswaldo Cabral, seus trabalhos na imprensa escrita, seu pai e com a comunidade jornalística catarinense:

Dr. Oswaldo Cabral

Pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, acaba de defender tese com distinção, o Dr. Oswaldo Cabral, filho do senhor Ary Cabral, tesoureiro do Banco Nacional do Comércio em Joinville e primo do Deputado Cid Gonzaga. O novo Esculápio [...] já é nome conhecido no jornalismo [...] fez um curso com notas distintas [...]

Ao Dr. Oswaldo, a seus pais e parentes, “A Imprensa” apresenta felicitações muito cordiais (A IMPRENSA, 1929. Arquivo pessoal de Oswaldo Cabral).

Em seus escritos autobiográficos em tom memorialístico, em uma narrativa sobre um presente que teria comprado a uma paciente, Cabral deixa transparecer as dificuldades e privações pelas quais passou durante sua vida de estudante de Medicina na cidade do Rio de Janeiro:

Estudante pobre, morando em casa de um parente bondoso e amigo, com mesada de cem mil réis por mês, para o bonde, cigarro e outras despesas pequenas, mesmo assim encontrei, não sem sacrifício, é claro, meio de comprar uma latinha de goiabada – custava, das menores, dois mil réis – e no dia seguinte lhe levei, como um presente, para que ela não se sentisse tão infeliz no seu abandono, face às outras companheiras lembradas pelos seus familiares. E, ao receber a mesada, dias depois, comprei-lhe duas maçãs e lh’as levei também (CABRAL *in* SOUZA, 1993, p. 44).

O relato, feito pelo autor, sinaliza uma demonstrada compaixão pela situação de pacientes que não recebiam visitas de parentes, o que pode denotar tanto certo grau de envolvimento sentimental para com a profissão que escolhera para si como uma forma de justificar suas próprias virtudes, citando a observação feita por sua mãe doente, conforme seu próprio escrito.

Todos os dias sentava-me à sua cama, tomava-lhe a tensão arterial, examinava-lhe o ventre, ia anotando na papeleta a progressão daquela gestação. E ela, a pobre preta miúda e quarentona, sentia-se talvez mais feliz de que todas as outras, porque recebia o calor de um carinho que às outras não era dispensado com a mesma intensidade pelo interno, pelo “doutor” da casa.

Certa manhã, encontrei o seu leito vazio. Perguntei por ela – e a resposta alegre das outras foi uma só: “a sua protegida já ganhou...”. “Já ganhou” queria dizer, apenas, já dera à luz (CABRAL *in* SOUZA, 1993, p. 44).

A paciente, como forma de gratidão ao atendimento “diferenciado” que lhe reservou o doutor Cabral, retribuiu o tratamento batizando o filho com o sobrenome do médico catarinense, num sinal claro de agradecimento e reconhecimento aos serviços prestados por Oswaldo Cabral.

Depois do meu trabalho fui vê-la na enfermaria das puérperas – e santa e alegre surpresa, o médico e os internos me apresentaram um crioulinho, ainda avermelhado, cor de rato novo e entre risos e brincadeiras, me apresentaram a papeleta do garoto, que registrava o nome escolhido pela mãe – sinal de apreço e gratidão, que hoje me umedece os olhos, como naquele dia o iluminara: o garoto, que, quem sabe, não tinha pai, chamava-se Jorge Cabral.

Eu lhe dera, além do carinho àquela que lhe dera a vida, também um nome. Depois fui ver a mãe, que mostrava todos os dentes num sorriso aberto, feliz de ter podido retribuir o bem que lhe fizera. E, uma semana depois, quando lhe deram alta, fui com ela a Igreja de São Pedro, de bonde, pois não me podia dar ao luxo de outra condução – e lá batizei-o, pois recebera o convite para ser seu padrinho (CABRAL *in* SOUZA, 1993, p. 44).

Cabral tornou-se padrinho do menino “Jorge Cabral”, mas desde o dia do batizado da criança não mais teve notícias dele nem da mãe do menino. E pareceu-lhe por bem esse desfecho de não mais saber deles.

O padre certamente decepcionou-se com a espórtula que lhe dei pelo batizado – mas era todo de que eu poderia dispor, sem pôr em risco o meu escasso orçamento mensal. À porta do templo apertei a mão à mãe preta, em despedida. Fiz um carinho à bochecha do crioulo – e foi tudo o que tive para dar-lhe. Nunca mais o vi. Nem dele vim a saber. Dele e dela. Já lá fazem, agora, trinta e três anos... Viverá? Não sei. E é melhor que não saiba (CABRAL *in* SOUZA, 1993, p. 45).

No mesmo tom memorialista, conta outra história de um atendimento médico que também lhe rendeu homenagem com o nascituro recebendo o seu nome:

E por falar em nome, ocorre-me que também a outro dei o meu nome, dessa vez no Pronto Socorro.

Dia 13 de junho [de 1929], Santo Antônio, padroeiro da minha terra [Laguna], às dez da noite, a ambulância entrou repicando o seu alarme no pátio interno e, logo depois, saía ao Serviço uma mulher baleada no ventre. Estava no derradeiro mês de gestação [...].

Logo se movimentou a equipe e Guilherme Viana praticou com perícia a cesariana, passando-me às mãos um mulatinho ao qual me incumbia fazer respirar. Não demorou a que gritasse e enquanto o chefe realizava os últimos atos operatórios, da minha parte encontrava a bala de um calibre 32 alojada no cotovelo do recém-nascido. Sem hesitar, procedi aos cuidados de assepsia e abre a pele, retirando o projétil e colocando, para finalizar o ato, um agrafo na incisão. Antes de concluída a intervenção da mãe, a do filho já estava completa (CABRAL *in* SOUZA, 1993, p. 45).

A história parece deveras salutar: uma criança que foi baleada ainda no ventre. Uma história da violência do Rio de Janeiro que foi estampada na página da imprensa escrita à época, com registro fotográfico de Oswaldo Cabral.

Depois, fui posar para a reportagem dos jornais que também faziam permanente plantão no Pronto Socorro, atentos a qualquer nota sensacional. A pobre pardinha foi fotografada na maca que a levava para a enfermaria – e o rapazinho, no colo de uma enfermeira, figurou num instantâneo, ladeado pelo médico que o extraíra do ventre materno baleado e pelo interno que lhe extraíra do cotovelo a bala que o atingira antes de nascer.

No dia seguinte lá estávamos nós figurando sob o título: “Baleado antes de nascer”, numa reportagem que contava tudo, inclusive que o menino recebera dois nomes: o do Santo em cujo dia nascera, e o do interno que o operara logo após o nascimento (CABRAL *in* SOUZA, 1993, p. 45-46).

As memórias trazidas pela pena de Oswaldo Cabral são testemunhos de sua atuação na profissão de médico e foram construídas 30 anos após os fatos narrados. Embora mereça registro, convém salientar que, ainda que a memória não deva ser esquecida “como matriz da história, pois funciona como uma garantia de que algo ocorreu antes de formarmos sua lembrança” (RICOEUR, 2007, p. 26), ela precisa ser compreendida como uma forma de representação do vivido. Nesse sentido, as memórias descritas evidenciam a existência de um passado que foi, mas que não é mais. Elas mostram a “relação representativa do presente com o passado” (RICOEUR, 2007, p. 68) e, assim, são representações de um passado narradas em um presente, no caso foram produzidas naquele presente, entre 1954 e 1959. Assim, “a memória entra na região da linguagem: a lembrança dita (escrita), pronunciada já é uma espécie de discurso que o sujeito trava consigo mesmo” (RICOEUR, 2007, p. 138).

Pode-se considerar, na perspectiva da análise historiográfica, que diversas temporalidades se cruzaram na construção dos relatos autobiográficos de Cabral: ele descreveu lembranças de um passado de dificuldades e penúrias que foi rememorado, um presente em que, possivelmente, pretendia reviver e dar conhecimento a esse momento, considerado por ele combativo, e a projeção de um futuro a ser construído como médico/cidadão portador de aguçado senso de dever humanitário cujo teor almejaria deixar para a posteridade. Assim, é possível vislumbrar os tempos diversos e elementos implicados na edificação de memórias.

Tais escritos memoriais apresentam inúmeras lembranças do passado, de sua formação em Medicina e de seus atendimentos nos hospitais do Rio de Janeiro; foram escritas cerca de três décadas depois de terem ocorrido. São memórias pessoais que merecem registros como representações daqueles passados que agora estão eternizados pela escrita de si com aparente pretensão autobiográfica em um tom nostálgico e laudatório, plasmado com gestos exemplares, tal como se pode perceber no trecho a seguir:

Por onde andaré, também, esse Antônio Oswaldo, que a 13 de junho deste ano [refere-se Cabral ao ano de 1959, ano em que escreve o livro com essas memórias] completou seu trigésimo de vida? Também não sei!

Como o Jorge Cabral, Antônio Oswaldo perdeu-se no anonimato da grande metrópole. E o tempo, se ainda vivem, ambos, deve ter apagado das suas memórias a história dos seus nascimentos.

Só não conseguiu apagar, ainda, do médico que se formava e que, já quase afastado da profissão, não pode esquecer o consolo que ela lhe deu, desde o início de sua carreira, em tantos e inesquecíveis momentos (CABRAL *in* SOUZA, 1993, p. 46).

De posse do diploma de médico, o agora doutor Oswaldo Rodrigues Cabral voltou ao seu estado natal, Santa Catarina, no ano de 1930. Casou-se em Joinville, no mesmo ano, com sua noiva, a paranaense Olívia dos Santos Ramalho, a qual havia conhecido em Curitiba, durante seus primeiros anos na Faculdade de Farmácia e de Medicina naquela

cidade. Após um interminável noivado, durante os estudos de Cabral no Rio de Janeiro, finalmente se casaram. “Dessa época ficaram guardadas longas e apaixonadas cartas, além de uma infinidade de poemas feitos para a noivinha paranaense” (SOUZA, 1993, p. 49).

Fixou residência na cidade de Joinville, onde atuou como médico nomeado pelo prefeito da cidade para o “Matadouro Municipal, encarregado de Saneamento” e também foi nomeado “médico do Hospital Municipal e Asilo de Órfãos e Desvalidos Abdon Batista”, de 1930 a 1934 (SOUZA, 1993, p. 48). Cabral veio a pedir exoneração dos cargos de médico aos quais foi nomeado (Portaria n.º 9, de 16 de janeiro de 1934) por divergências sobre a escolha, por parte do prefeito, de um “leigo” para a direção dos hospitais. Abriu seu próprio consultório médico, ainda em Joinville, e passou a clinicar até o fim do ano de 1935. Nesse período começou a se interessar pela vida política.

Ainda segundo seus relatos, o início da carreira de médico foi pautado por dificuldades, uma luta diária não apenas contra as doenças e as mortes, mas luta pela própria sobrevivência e de sua esposa. “Dava consultas nas fábricas de Joinville a três mil réis, fazendo visitas a cinco, vez por outra ouvindo reclamações quanto ao preço” (SOUZA, 1993, p. 50). Desse tempo, Cabral escreveu sobre o momento que assistiu o médico de sua família, aquele mesmo que atendeu a mãe de Cabral, em coluna que mantinha em jornal impresso, na qual se identificava com o pseudônimo Egas Godinho:

[...] um dia, o velho e querido médico que me atendera a progenitora e me acompanhara na formatura chegou aqui, com os dias limitados, a saúde abalada por enfermidade incurável.

Fui recebê-lo, como parente e amigo, a quem devia a gratidão do seu gesto indo abraçar-me à minha formatura, e acompanhá-lo à sua casa.

Mal refeito da viagem, conhecendo perfeitamente o seu estado, pediu para ficar a sós comigo alguns instantes – e quando todos saíram, tomou-me a mão, olhou-me calmo e ordenou:

– “Comande agora você, o meu barco desarvorado!”

A confiança que ele depositou em mim eu senti que ia até ao garoto que fora buscá-lo, na boléia do carro, anos atrás, para que lhe curasse um ente querido.

Dias depois, recebeu ele, das mãos do Senhor, o prêmio das suas virtudes, a paga das boas obras que espalhou nesse mundo, entre pobres e ricos, principalmente aqui em Santa Catarina (O ESTADO, 31 dez. 1954).

Mas talvez um dos atendimentos mais difíceis tenha sido, no entanto, o realizado àquela que o fez despertar para a Medicina e para a própria vida: sua mãe.

[...]

Anos mais tarde eu me ajoelharia a um leito em que morria a paciente mais querida que já tive. Noites sem conta passei ao seu lado, à sua cabeceira, esforçando-me por aliviar os seus sofrimentos.

E minha mãe – pois era ela – tornou a pousar a sua mão sobre os meus cabelos revoltos, agora já prateando, como naquela tarde, anos antes, e me segredou, entre as dores cruciantes que a martirizavam:

– “És um filho muito querido”.

Eu realizara o seu desejo.

E abençoei, então, a profissão que me permitira ouvir, dos lábios de minha mãe, aquelas palavras que vivem nos meus ouvidos, como a melhor benção que recebi em toda a minha vida, como o melhor pagamento de todos os meus trabalhos e de todos os meus sacrifícios (O ESTADO, 31 dez. 1954).

Esse artigo memorialístico – e muitos outros dos que aqui foram reproduzidos – ainda que publicados com pseudônimo, foram veiculados em jornais de grande circulação em Santa Catarina e parecem ratificar sua profissão e sua atenção filial com um registro pleno de palavras edificantes e elogios em forma laudatória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No plano mais profundo, o das mediações simbólicas da ação, a memória é incorporada à constituição da identidade por meio da função narrativa (RICOEUR, 2007, p. 98).

Lidar com a história e a memória exige dos historiadores um afastamento do pensamento linear e homogêneo, para não ficarem reféns de projetos memoriais dos testemunhos (escritos ou orais). Dessa maneira, é fundamental problematizar tal relação para elaborar conhecimento.

Aqui foi possível *narrar* uma história por meio do que foi deixado pelo próprio Cabral em seu arquivo pessoal, composto por escritos, recortes de jornais, cadernos, documentos e uma infinidade de vestígios que podem apontar para tantas outras possibilidades de pesquisas com esses materiais, os quais, infelizmente, se encontram dispersos e fragmentados (SABINO MARTINS, 2017). Dos trechos das memórias escritas por Cabral, é possível perceber relações e características da educação jesuítica e laica em Santa Catarina, da divulgação de saberes médicos, da vida cotidiana da cidade, nas escritas de si que permeavam seus textos.

Importa salientar que essas narrativas de cunho memorialístico receberam divulgação em jornais impressos do estado, imprimindo-lhes certo grau de notoriedade e até reconhecimento entre seus pares de profissão e mesmo daqueles que liam suas colunas nos jornais. Seus escritos detalhistas e descritivos (e laudatórios, sim!) ampliaram as possibilidades de observação e de interpretação porque permitiram modificar o que se pode inquirir à fonte. Além disso, as memórias acenam para uma importância do domínio da escrita, em uma ação educativa na tentativa de cambiar usos e costumes de higiene e saúde, à época ainda muito arraigados à população de um modo geral.

Como um dos “corifeus da Ciência em Santa Catarina”, chefiando o coro, produzindo memórias e ditando rumos da educação básica e superior catarinense, além de um ferrenho defensor do ensino de práticas de higiene e saúde, Oswaldo Rodrigues Cabral é considerado um “intelectual mediador”, pois é um agente reconhecido na esfera cultural que se movimentou, sobremaneira, em direção ao campo político e também foi atravessado por diversas outras áreas para além do conhecimento médico propriamente dito.

A ênfase deste artigo foi dada aos traços por meio dos quais o arquivo permitiu narrar aspectos da vida de uma pessoa física que visava preservar, pela escrita, os rastros de sua própria atividade com o intuito, provável, de deixar registros para a posteridade. No limite mesmo um desejo de perpetuar-se, um entesouramento de si (RIBEIRO, 1998). Hoje, ao estudá-las, pode-se pensar em passados que permanecem, em disputas que não apareceram, em discordâncias e conflitos que não foram (ou não puderam) ser registrados e que dão sentido de humanidade aos textos memorialísticos (CUNHA; ALMEIDA, 2021). Acompanhando indelevelmente os escritos de Cabral, permanece em aberto como leitoras e leitores vão se relacionar com tal escrito, bem como quais medidas daqueles passados narrados vão assimilar em seu tempo presente, mas essa seria outra proposta de pesquisa que, por ora, se inscreve como um horizonte de expectativa.

REFERÊNCIAS

ARCE, Alessandra. **A pedagogia na era das revoluções**: uma análise do pensamento de Pestalozzi e Froebel. São Paulo: Autores Associados, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 2005.

BRANDÃO, Zaia. Paschoal Lemme, marxista e pioneiro da educação nova. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **Memória intelectual da educação brasileira**. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 1999.

CARDOSO, Jorge Alexandre Nogared. A formação da normalista na Escola Catarinense nos anos de 1910. In: SCHEIBE, Leda; DAROS, Maria das Dores. **Formação de professores em Santa Catarina**. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2002, p. 135-164.

CERTEAU, Michel de. **História e psicanálise**: entre ciência e ficção. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

CUNHA, Maria Teresa Santos; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. Arquivos pessoais no radar do tempo presente. Dimensões e possibilidades nos estudos acadêmicos. **Cadernos de História da Educação**, v. 20, p. 1-20, 2021. Disponível em <https://seer.ufu.br/index.php/che/issue/view/2066>.

DALLABRIDA, Norberto. **A fabricação escolar das elites**: o Ginásio Catarinense na primeira República. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

DALLABRIDA, Norberto. Usos sociais da cultura escolar prescrita no ensino secundário. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, v. 12, n. 1, p. 167-192, 2012.

DANIEL, Leziany Silveira. Contribuições teóricas do intelectual João Roberto Moreira para a formação dos professores catarinenses: a defesa pela integração da Psicologia e da Sociologia nos estudos científicos educacionais (anos 1930 e 1940). In: LAFFIN, M. H. L. F.; RAUPP, M. D.; DURLI, Z. (org.). **Professores para a escola catarinense**: contribuições teóricas e processos de formação. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005. p. 67-85.

DANIEL, Leziany Silveira. João Roberto Moreira e o movimento pela Escola Nova em Santa Catarina (1934 – 1943). **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 10, n. 2, jul./dez. 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (org.). **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GOMES, Ângela de Castro; HANSEN; Patrícia Santos (org.). **Intelectuais mediadores**: práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 92-120.

GUERRA, Ronaldo Ferreira. Oswaldo Rodrigues Cabral: notas sobre a trajetória de vida de um intelectual brilhante. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 42, n. 1 e 2, p. 9-60, abr./out. 2008.

MARTINS, Luciano. A gênese de uma *intelligentsia*: os intelectuais e a política no Brasil de 1920 a 1940. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 2, p. 65-87, jun. 1987.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil - 1920-1945**. São Paulo: Difel, 1979.

NEEDELL, Jeffrey D. **Belle époque tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PÉCAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil**: entre o povo e a nação. São Paulo: Ed. Ática, 1990. (Série Temas - Sociologia e Política; v. 16).

PIAZZA, Walter Fernando. A epopéia açoriana 1748/1756 : influência cultural dos Açores em Santa Catarina. In: DOIS estudos sobre a presença açoriana em Santa Catarina. Florianópolis: Conselho Estadual de Cultura, 1987. p. 9-26.

RIBEIRO, Renato Janine. Memórias de si, ou... **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21 (Dossiê Arquivos Pessoais), 1998.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SABINO MARTINS, Marcelo. Entre o público e o privado: o acervo pessoal do professor Oswaldo Rodrigues Cabral. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE, 3., 2017, Florianópolis. Disponível em: file:///D:/Downloads/648-1745-1-PB%20(1).pdf.

SAVIANI, Dermeval. O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias. In: FERRETTI, C. J. et al. (org.). **Novas tecnologias, trabalho e educação**. Petrópolis: Vozes, 1994.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOUZA, Sara Regina Silveira de. **Oswaldo Rodrigues Cabral**: páginas de um livro de memórias. Florianópolis: UFSC/Udesc, 1993.

TEIVE, Gladys Mary Guizoni. **“Uma vez normalista, sempre normalista”**: cultura escolar e produção de um *habitus* pedagógico (Escola Normal Catarinense - 1911/1935). Florianópolis: Insular, 2008.

TEIVE, Gladys Mary Guizoni; DALLABRIDA, Norberto. **A escola da República**: os grupos escolares e a modernização do ensino primário em Santa Catarina (1911-1918). Campinas: Mercado das Letras, 2011.

UFPR - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Histórico**. Disponível em: <http://www.ufpr.br/portalfufpr/historico-2/>. Acesso em: 10 mar. 2022.

Documentos memoriais – Oswaldo Rodrigues Cabral

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. O ensino de noções de higiene nas escolas públicas em Santa Catarina. In: CONFERÊNCIA ESTADUAL DE ENSINO PRIMÁRIO, 1., Florianópolis, 1927. **Anais...** Florianópolis: Oficina e Gráfica da Escola de Aprendizes Artífices, 1927.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Parasitologia**. Curitiba: caderno manuscrito do autor, 1924.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Problemas educacionaes de hygiene**. Trabalho para obtenção do grau de Doutor em Medicina à Faculdade de Medicina. Rio de Janeiro: editado pelo autor, 1929.

Jornais impressos

A IMPRENSA. Joinville, SC.

ANCAPITAL. Florianópolis, SC.

A NOTÍCIA. Joinville, SC.

O DIA. Curitiba, PR.

O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, SP.

O ESTADO. Florianópolis, SC.